

Juventudes periféricas: uma autonomia possível no âmbito da Arte.

Autores: Silvana Mendes Lima

Suanny Nogueira de Queiroz

Vínculo: Universidade Federal Fluminense

Introdução

O presente estudo deriva da pesquisa desenvolvida desde o ano de 2009 do projeto de pesquisa intitulado: “Infância e Juventude em seus movimentos de autonomia e expressão” que contou com o apoio da Faperj no âmbito da iniciação científica. Esse estudo/pesquisa é desenvolvido na Universidade Federal Fluminense junto ao Departamento do Curso de Psicologia. A pesquisa conta com a orientação da professora-doutora Silvana Mendes Lima e com os alunos: Ana Carolina Videira Sant’Anna, Suanny Nogueira de Queiroz, Tatiana Conceição Mendes de Oliveira, Vanessa Monteiro Silva, Juliana Teixeira, Gabriela Costa Silva, Saulo Francisco de Carvalho, Guilherme Bernardo Moreira Soares e Jasmin Abularach.

Os objetivos mais gerais do projeto original referiam-se a acompanhar os processos de produção de subjetividade de uma infância e juventude periférica, de modo a atentarmos aos sentidos e valores que crianças e jovens conseguem criar a partir do convívio diário junto a um projeto desenvolvido pelo Espaço Cultural da Grota. Trata-se de uma Organização Não-Governamental com ações voltadas para ao ensino da arte musical. Do ponto de vista da pesquisa tratava-se de engendrar, junto aos fazeres cotidianos dos diferentes atores que transitam por aquele espaço, a produção de processos autônomos de diversas ordens: pedagógicos, administrativos, coletivos, afetivos, entre outros.

Ao acompanharmos os distintos modos de engajamento que coordenadores, crianças e jovens estabeleciam com o projeto pudemos compreender como se configurava, na contemporaneidade, para aquele Espaço Cultural em particular, a produção de uma autonomia possível quando tentam criar, a partir da interferência da arte, alternativas frente às formas de vida vigentes. Formas que portam uma tensão

constituente que reduz, por um lado à vida a uma sobrevivência e, de outro, tendem a criar o imprevisível atualizando processos de subjetivação distintos, originais e singulares.

Vale ressaltar que para o nosso estudo e pesquisa a idéia de laboratório social encontra-se referida a toda e qualquer tentativa de criação de espaços-tempo aptos a multiplicar experimentações que assumam os riscos de assumir novos modos de existência, sejam eles grupais, individuais, comunitários, artísticos, entre outros tantos.

Nesta direção, asseguramos que o Espaço Cultural da Grotta, na perspectiva de seus coordenadores, colaboradores e monitores vêm apostando na potência dos processos de criação que seus aprendizes fazem operar no encontro que passam a estabelecer com a arte em sua expressão musical. Percebe-se que novos sentidos e maneiras de existir são, de fato, criados, cumprindo-se, desse modo, a constituição de um espaço de experimentação que investe na arte como instrumento/estratégia de transformação. Tais experimentações são operadas a partir de contextos nascidos, de antemão, sob as contingências de um capitalismo que depende e se alimenta, cada vez mais, da produção da exclusão, mas que o Espaço Cultural da Grotta por meio de seus projetos, insiste em buscar perspectivas que funcionem como antídotos à indiferença a que esses jovens são, cotidianamente, relegados.

No entanto, pudemos avaliar coletivamente com os coordenadores do Espaço Cultural da Grotta, a presença de algumas fragilidades de ordem burocrática, técnico e administrativo que emperram a produção de uma autonomia possível. Essas fragilidades se expressam, por exemplo, em uma segmentação entre a gestão social dos projetos e a gestão financeira. Isso se deve, em parte, porque os projetos e suas fontes de financiamento atendem a demandas pontuais e provisórias cujos efeitos são, por vezes, dramáticos do ponto de vista da continuidade dos projetos, assim como torna inviável um plano de aplicação dos recursos e dos critérios na forma de distribuí-los entre os projetos. Como um possível contraponto a esse quadro há, atualmente, uma expectativa por parte do Espaço Cultural da Grotta, eleita pelo Ministério da Cultura como um dos Pontos de Cultura da cidade de Niterói, possa ser um dispositivo potente de reverter essa situação.

Outro aspecto que evidenciou tal fragilidade é a presença de um corpo técnico e administrativo que, embora extremamente competente considerando os seus diferentes campos de atuação (músicos, administradores, arquitetos, assistentes sociais, entre

outros) se dedica de forma voluntária ao Espaço Cultural da Grotta. Muito embora grande parte desse corpo de voluntários encontre-se implicado de forma apaixonada aos projetos que realizam, observa-se que essa forma institucionalizada de prestação de serviços traz, em contrapartida, seus efeitos colaterais: descontinuidades de ações e vulnerabilidades quanto à montagem de um projeto político-educativo comum que norteie as ações tecidas a partir dos objetivos mais gerais da ONG.

Mas, por outro lado, vimos que, essa questão do voluntariado vem sendo deslocada com a presença de um projeto que conta com o apoio da FIA – Fundação para a Infância e Juventude. A entrada das ações artístico-educativas presentes neste projeto, em particular, passa a criar outros meios de construção de uma vida institucional que acolha aquilo que a presença desses profissionais coloca em análise. Uma análise que aponta sobre a importância de engendrar um processo constante de capacitação de seus gestores e, também, identificar, entre eles e, mesmo, entre outras pessoas que transitam naquele espaço, novos potenciais de trabalho que englobem as diferentes perspectivas que compõem as diversas atividades de natureza: artística, cultural, técnica e administrativa.

Posto esses impasses, entendemos que um dos trabalhos de nossa equipe de pesquisa implica, atualmente, em criar os dispositivos que viabilizariam a constituição de espaços outros em que a questão das formas de gestão dos projetos possa ser mais bem acompanhada. A partir desta constatação traçamos alguns objetivos que operem uma intensificação na produção de uma autonomia, em especial no que se refere aos modos de gestão coletiva de um projeto que traz como matéria prima a arte na sua expressão musical.

Sobre parte da historia do Espaço Cultural da Grotta e seus projetos

Sobre o espaço Cultural da Grotta, ele tem sua origem há mais de 20 anos pela iniciativa de Otávia Paes Selles, professora aposentada que estabeleceu uma escola informal para crianças na qual oferecia aulas de reforço escolar, jardinagem, corte e costura e artes na comunidade da Grotta da Surucucu, em Niterói. Após seu falecimento em 1998, seu filho, o maestro Marcio Paes Selles, juntamente com Lenora Pinto

Mendes, assumem a direção do trabalho, voltando-o para o ensino de música. Surgiu assim a Orquestra de Cordas da Grota e a pequena casa passou a se chamar Instituto Reciclarte. Em 2007, o Instituto transformou-se em Espaço Cultural da Grota e, através de parcerias institucionais, trabalha hoje para o desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens através da identificação e potencialização de talentos e vocações, construção de capacidades artísticas, ampliação da diversidade cultural, complementação e reforço educacional, profissionalização e inserção no mercado de trabalho. Atualmente desenvolvem os seguintes projetos:

1) **Orquestra de Cordas da Grota** – Público alvo: alunos que se interessam em dar continuidade ao estudo da música. Constam deste projeto: **(I)** o aperfeiçoamento nos instrumentos; **(II)** básico de teoria musical (período de dois anos) e **(III)** prática de orquestra, com 183 integrantes distribuídos nos quatro segmentos da Orquestra – D, C, B e A. Na medida em que conseguem executar as peças mais complexas, começam a galgar as diversas gradações até chegarem ao objetivo máximo, a “Orquestra A”.

2) **Monitores de Futuro** – Com esse projeto, realizado há sete anos, o Espaço Cultural da Grota foi reconhecido pelo Ministério da Cultura como Ponto de Cultura sendo batizado como **Ponto de Cultura Monitores de Futuro**. Assume-se o papel de dar formação técnica aos jovens integrantes da Orquestra de Cordas da Grota. O projeto contempla: **(I)** a formação em Teoria Musical, em dois anos, no Conservatório de Música do Estado do Rio de Janeiro como complementação da formação no Espaço Cultural da Grota; **(II)** reuniões semanais com a psicóloga Yara Paes Selles Chaves para manejo de turma e cidadania; **(III)** prática de orquestra e **(IV)** prática de sala de aula nos núcleos de replicar a experiência como monitores.

3) **Multiplicando Talentos** – Replica a experiência da Orquestra de Cordas da Grota em outras comunidades com crianças e adolescentes em condições de vulnerabilidade social, adotando-se um método próprio de iniciação musical. São alunos da rede pública, numa parceria que se consolida junto às escolas municipais e estaduais.

4) **Jovens Empreendedores** – Público Alvo: jovens da Orquestra de Cordas da Grota que se juntam para formar grupos musicais, como Negros & Vozes e Grupo Musical para Casamentos. Buscam, assim, dar um impulso em suas carreiras musicais. O estúdio de gravação que está sendo implantado no ECG começa a ser utilizado por esses jovens. Além disso, aos jovens que querem dar continuidade ao estudo de música por meio da formação universitária são concedidas bolsas de estudo integrais.

A partir desta apresentação pretendemos, a seguir, apontar nossos objetivos e algumas considerações metodológicas que inspiraram o fazer deste projeto de pesquisa, elegendo os dispositivos/ferramentas de natureza metodológica, entre elas: a Pesquisa Intervenção orientada por uma perspectiva cartográfica.

Acerca de nossos objetivos

Acompanhar e cooperar com a produção de uma autonomia possível referida ao Espaço Cultural da Grotta a partir de uma análise coletiva acerca dos processos de gestão dos trabalhos que desenvolvem em seus diferentes projetos. Trata-se de promover, no âmbito de suas atividades artísticas e culturais, um trabalho de caráter político e pedagógico que crie estratégias efetivas de condução e de saídas aos impasses técnicos, pedagógicos e administrativos experimentados pela ONG.

Acrescenta-se, ainda, a importância de avaliar junto ao Espaço Cultural da Grotta, sobre em que medida é possível, coletivamente, referendar e criar uma parceria entre a Universidade Federal Fluminense, por meio deste projeto. Uma parceria no sentido de forjarmos modelos provisórios, pautados em uma experiência que se interessa em fomentar processos criadores a partir de uma perspectiva mais autônoma frente aos modos de vida vigentes.

Objetivos Específicos

- Acompanhar e investir em potencial humano administrativo/local no sentido de promover ações aptas a disputar recursos financeiros que alimentem e dêem sustentação material à perspectiva artística e cultural do projeto.
- Promover ações que possam articular o Espaço Cultural da Grotta a uma rede de outras experiências com objetivos afins de modo a ampliar coletivamente intervenções que tem como intercessora a arte.
- Constituir processos avaliativos sistemáticos de natureza política, administrativa e pedagógica que consista em definir os eixos que norteiam as ações empreendidas nos projetos que são desenvolvidos no espaço.

Algumas inspirações teórico-conceituais que norteiam um percurso em pesquisa

Considerando todas as nossas experimentações/ações a partir do encontro que temos estabelecido com o Espaço Cultural da Grotta, vimos que é preciso fazer proliferar novos territórios existenciais, espaços plurais com referenciais próprios e perspectivas de trabalhos mais autônomas.

A produção de praticas mais autônomas, como nos aponta Guattari (1986) encontra-se referida a ideia de tomar a autonomia enquanto função. Essa função de autonomia, segundo o autor, se expressa também no registro da produção de subjetividade. No entanto, para que essa função de autonomia possa “se encarnar” nos diversos domínios da vida social, terá que intervir basicamente em duas dimensões. No caso de nossa pesquisa, ela terá que criar os meios de focar a problemática da infância e juventude tanto na relação que ela suscita em termos de uma problemática social e tudo o que ela encerra, assim como, atentar para a especificidade que a criança e jovem visibilizam em termos das diferenças que portam (um novo tipo de sensibilidade, de raciocínio, de compreensão do mundo, entre outros).

Há, então, um tensionamento entre, de um lado, tornar suas experimentações um plano de sustentação gerador de outras formas de vida mais autônomas; de outro, as linhas de captura que esvazia e subtrai os diferentes domínios que comportam a existência de um projeto artístico cultural e que passam a emperrar tais processos de autonomia.

É um pouco do que compartilhamos com os coordenadores, monitores, crianças e jovens aprendizes de musica que participaram de nossa pesquisa. Residentes em uma zona de extrema pobreza, herdeiros de uma histórica disparidade de renda que os impele, incessantemente, a sofrer desigualdades de diversas ordens – cultural, escolar, de lazer, de trabalho –, essas crianças e jovens, ainda, insistem em buscar perspectivas que funcionem como um antídoto à indiferença a que são, cotidianamente, relegados.

Nesse aspecto, o contato diário com a instituição e seus aprendizes vêm funcionando como uma espécie de laboratório de experimentação social que, ao

enfrentar inquietações próprias a crianças e jovens inscritos num contexto social periférico, aposta na potência dos processos de criação por eles engendrados no encontro que passam a estabelecer com a arte, em sua expressão musical.

Impressiona a potência criativa de suas performances e a capacidade de extrair, de solo tão precário, matéria-prima na produção de trabalhos que tomam feições singulares. Percebe-se que novos sentidos e maneiras de existir são, de fato, criados, cumprindo-se, desse modo, a constituição de um espaço de experimentação que investe na arte como instrumento/estratégia de transformação. Tais experimentações são operadas a partir de contextos nascidos, de antemão, sob as contingências de um capitalismo que depende e se alimenta, cada vez mais, da produção da exclusão

No entanto, os dilemas vividos por eles, na atualidade, são graves e necessitam de respostas, mesmo que provisórias, de modo a promover deslocamentos em vidas que vêm sendo lançadas numa corda bamba, na eminência de que – como diz a canção de Aldir Blanc e João Bosco – ao transitarem em cada passo dessa linha possam se machucar

Para tanto, temos, também, a “sorte” de contar, como campo de problematização, com a intercessão da arte que, ao deparar-se com um solo desprovido de condições dignas de existência, parece fazer operar pequenos, porém potentes, arranjos sociais transformadores.

Manter-se na corda bamba, para esses jovens aprendizes, tem constituído um extremo desafio. Para além dessa linha bamba, que enseja um aprendiz, continuamente, em estado de alerta, pouco lhe resta em termos de um plano de sustentação que comporte e traga um alento a suas inquietações e projetos de vida.

Mais uma vez, parafraseando Aldir Blanc e João Bosco, qual seria, então, nossa esperança equilibrada, quando sabemos que o show de todo artista tem que continuar?

Talvez, nossa atitude, como aponta Deleuze, possa conjugar um pessimismo e otimismo crítico que consista em furtar-se às falsas fatalidades e, ao mesmo tempo, explorar todas as possibilidades de criação promovidas pelos aprendizes no encontro com suas atividades artísticas. É uma tarefa desafiadora e de extrema riqueza que nos

impele, neste projeto de pesquisa, a fazer da atividade do pensar uma atividade, também, criadora.

Através de suas trajetórias e dos trabalhos que o Espaço cultural da Grota desenvolve com essas crianças e jovens buscamos dar visibilidade aos embates em que se vêm lançados para dispor de suas vidas não como sobreviventes, mas, fundamentalmente, como pessoas que buscam maneiras peculiares de viver os vários sentidos que uma existência pode comportar.

Essa cisão entre a vida concebida como sobrevida e a urgente produção incessante das formas de vida exercidas desde baixo, no regime contemporâneo, constitui tema central, principalmente num período de “economia imaterial em que mais e mais a produção se estende a serviços que requerem e formatam a subjetividade”. (Pelbart, 2000: 27).

No caso do nosso estudo, vimos o quanto desempenhar e desenvolver atividades marcadas pela interferência da arte e da cultura comporta de trabalho imaterial, já que, neste campo, não se trata apenas de executar tarefas, mas, sobretudo, concebê-las, criá-las. As matérias criadas produzem, por conseguinte, coisas imateriais: sons, ritmos, performances, imagens, serviços, incidindo sobre algo imaterial: a subjetividade humana.

Ao ampliar essa análise, assinala que a condição do trabalho imaterial, assim como seu conteúdo e resultado, consiste, eminentemente, na própria produção de subjetividade que atravessa tanto o processo de trabalho como o seu produto. Nisso, conclui-se que o trabalho necessita “da vida como nunca, e seu produto afeta a vida numa escala sem precedentes”. (Pelbart, 2000: 38)

Cabe-nos, neste projeto de pesquisa, examinar os impasses e efeitos das formas que tomam essa contínua apropriação da subjetividade e os diversos modos postos em funcionamento a partir de tal apropriação, considerando é claro, as diferentes frentes que compõem os trabalhos desenvolvidos por um Espaço Cultural. Um espaço envolvido em uma formação de natureza artística e cultural.

Nesse embate, próprio a produção de processos autônomos, fica estampado o dilema travado entre uma perspectiva artística que porta uma forma de trabalho pautada em valores coletivos e de ajuda mútuos e uma outra, presente nas formas de vida atuais, que tende a subordinar toda a produção criativa a ter que responder, exclusivamente, à

finalidade de tornar os processos de criação meras mercadorias, a serviço da reprodução do capital. Sendo esta última perspectiva a qual eles mais resistem.

Encontrar tal embate, sobretudo em um território constituído por uma população que, predominantemente, vive abaixo da linha da pobreza, alijada dos serviços básicos como saúde e educação e de jovens, na sua grande maioria, excluídos dos bancos escolares, condenados à escassez de bens culturais e de lazer e que, além disso, não logram inserção no mercado de trabalho, nos co-move imensamente.

Parte dessa co-moção deve-se à constatação de que, apesar de tantos obstáculos e disparidades, seus embates trazem a força de não sucumbir, de vez, à tentação crescente, aos valores individualistas, competitivos e de consumo apregoados nos modos de vida vigentes, força que resiste, altera e resgata, nas formas de trabalho por eles implementados, sua potência criadora.

Porém, toda potência criadora tornou-se, na contemporaneidade, não apenas alvo, mas requisito básico que alimenta os processos produtivos operados no trabalho, fazendo com que, cada vez mais, o trabalho e a criação se aproximem.

Essa aproximação entre a criação e o trabalho tem constituído o exercício diário do Espaço Cultural da Grotta. A natureza de suas atividades exige uma capacidade criativa constante e que eles respondem, igualmente, na forma autônoma e ativa com que desenvolvem suas performances artísticas.

No entanto, a composição de espaços que abrigam e, até mesmo, incitam a criação de novas formas de relações sociais, desafia os modos de vida vigentes, por isso demandam um campo de experimentação que deve ser avaliado e analisado à luz do confronto com suas realidades locais e nacionais, principalmente quando se trabalha com matérias no campo da arte e da cultura. Isso significa dizer que, embora a subjetividade capitalista tenda a produzir uma cultura com vocação universal, é premente atentar que setores da cultura marginal podem confeccionar outros modos de produção semiótica, não apenas se contrapondo às significações dominantes, mas fazendo consistir sentidos que abarquem suas diferenças e modos de existência.

Os movimentos culturais periféricos na década de 90 trazem em suas inúmeras manifestações artísticas, uma forma de crítica social que retrata o dia-a-dia de uma juventude guetificada. Vemos, por exemplo, um novo gênero musical presente no rap,

com letras que dão visibilidade aos seus problemas e denunciam as injustiças sociais perpetradas a uma camada socialmente à margem e da qual eles provêm. De modo outro, o funk, atualmente capitalizado pela indústria fonográfica, desde a década de 80 reúne jovens dos subúrbios e favelas cariocas que reverenciam, em seus ritmos, gestos e letras, visões particulares de viver, sentir e estar no mundo.

Nesse aspecto, notamos a fragilidade como se inscrevem as políticas públicas voltadas para a juventude no país e sua indiferença quanto às expressões culturais locais. Aliadas a essa fragilidade, as parcerias, em geral, estabelecidas atualmente entre as ONGs e as políticas de atendimento a esse grupo específico exigiriam uma reavaliação dos critérios que norteiam os projetos tecidos conjuntamente. (Lima, 2002)

O caráter meramente formal de avaliação cria um fosso ainda maior em termos de afinidade entre o que, de fato, esse grupo demanda e aquilo que lhe é ofertado. Interessa-nos atentar como vêm sendo endereçadas tais propostas e como estas são processadas por aqueles que as recebem.

Mesmo considerando todas estas adversidades presentes talvez um dos argumentos convincentes seja o de que os programas e projetos voltados para os jovens possam exercer, a partir da composição com a arte, práticas mais próximas a um paradigma ético-estético.

Trata-se de práticas que portam uma ética, porque referendadas na criação de uma rede de sustentação baseada em alianças (políticas, institucionais, familiares, entre outras) capazes de abrigar crianças e jovens que sofrem um contínuo processo de ruptura com o vínculo social. Também portam uma estética, porque toma essa produção, histórica, de suscetibilidades das mais diferentes ordens (econômica, ocupacional, social, familiar e subjetiva) como matéria a ser transformada em atitudes e movimentos que intervenham nesse processo contemporâneo de subjetivação dominante, dando passagem ao novo, ao que advém. (Guattari, 1992)

Embora atualmente tenhamos uma diversidade de programas e projetos endereçados a crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social, é importante dar visibilidade às experiências que atuam no sentido da formação de novos valores, por meio de uma sensibilidade e responsabilidade coletiva em torno das questões sociais em seus diferentes níveis (local, nacional e até planetário). Nos trabalhos desenvolvidos pelas ONGs, é preciso apontar em que medida elas são experiências relevantes, cujas

metodologias mereçam ser replicadas, valorizadas, apropriadas, investigadas, de modo a subsidiar políticas públicas para os jovens periféricos deste país.

Impasses e desafios da produção de processos autônomos ligados a arte

Trabalhar com políticas públicas ligadas à arte é uma dificuldade que eles enfrentam. Afinal, projetos que estejam mais diretamente relacionados com cursos profissionalizantes recebem mais incentivo. Desta forma, a Orquestra embora possa se configurar como um meio de sobrevivência ela não consegue, por si só, se constituir como o trabalho principal para estes jovens que começam a ter que garantir seu próprio sustento. Assim, eles procuram outras fontes de renda como orquestras com remuneração maior, tocar em casamentos, ou em outras festividades e eventos. É interessante notar que estas formas de sobreviver da arte vêm no âmbito de uma discussão que percorre a todos que transitam no Espaço Cultural da Grotta que eles nomeiam: A ARTE NÃO SERVE PARA NADA. Mas se faz premente compreender quais os diferentes sentidos expressos em tal afirmativa e que atravessa o corpo da ONG. Esses sentidos são pontuados por meio do seguinte embate: da arte enquanto produto para o mercado e da arte como um operador potente de transformação dos modos de vida que combatem enclausurar a arte apenas na perspectiva mercadológica.

Feita estas considerações um dos desafios deste projeto de pesquisa tem sido o de criar uma rede ampliada de trabalho intensificando parcerias no campo artístico cultural. Parcerias que construam planos de trabalho efetivos no âmbito da produção imaterial de trabalhos ligados a arte em territórios periféricos.

Um segundo desafio traz como aposta a produção de outra forma de gestão de fazer valer uma proposta educativo-pedagógica, em que crianças e jovens não são considerados apenas receptores dos conhecimentos, sendo eles ativos na construção das oficinas. A ideia de *oficina* que vem sendo desenvolvida, especialmente, nos trabalhos junto a FIA, implica em uma abertura para que os aprendizes compartilhem suas experiências e tragam sugestões, estando osicineiros sensíveis a modificar seus planejamentos.

Tal sensibilidade comporta o acolhimento de que as crianças e jovens que circulam pela ONG são atravessados por várias outras instituições (família, escola, comunidade, por exemplo). Logo, não se pode negligenciar que a realidade desses jovens tenha certa proximidade de situações de violência, de convivência com o tráfico de drogas, com o controle policial, e com as diferentes formas de assistencialismos e que, além disso, são foco de políticas públicas em sua maioria sucateadas. Assim, as oficinas se rearranjam a cada instante, sendo constituídas das vivências e histórias que são atualizadas nos diversos encontros que todos (oficineiros e aprendizes) estabelecem com o projeto.

Ocorre, portanto, a partir da interação com este projeto em particular, uma maior aproximação entre a ONG e a comunidade. Desse modo, o Espaço Cultural da Grotta atualiza seu desejo de ser um local de expressão criativa para os moradores, ao mesmo tempo em que estes encontram um espaço do qual podem se apropriar de múltiplas formas. Através desse recente projeto, novas crianças e adolescentes são chamados a circular pela ONG, passando a fazer parte das atividades propostas. Fortalecem-se, pois, redes pessoais, comunitárias e institucionais.

Acreditamos que a nossa inserção nas oficinas e nas reuniões coletivas entre oficinairos, coordenadores e técnicos (assistente social, pedagogo e psicóloga) é uma forma de transversalizarmos os diferentes saberes criando saídas mais potentes na condução do projeto. Essa imersão seja no âmbito das oficinas, como nos espaços de discussão dos rumos políticos e pedagógicos fortalece igualmente um outro desafio próprio ao nosso projeto de pesquisa. Um desafio que aponta sobre a importância de engendrar um processo constante de capacitação de seus gestores, assim como reinventar dispositivos avaliativos que norteiem ações que se coadunem com a perspectiva artística e cultural que porta o Espaço Cultural da Grotta.

Algumas considerações metodológicas

No desenvolvimento deste projeto temos como direcionamento metodológico a Pesquisa-Intervenção. Trata-se de um método pautado no processo de experimentação focando, nessa análise, a questão: a que servem determinadas praticas? Responder a tal questão se constitui em uma tentativa de escapar a uma análise moral das práticas. O

que interessa na análise dos modos de subjetivação vigentes é compreender o seu funcionamento, ou seja, o que ele produz o que ele reproduz, que diferenças ele cria (Rocha & Aguiar, 2003). No caso desta pesquisa, pretendemos investigar a cerca de como esse laboratório de experimentação social, por meio das ações que dirigem as crianças e jovens, engendram processos de engajamentos sociais ativos e de intercâmbios úteis que forneçam meios, mediações, “pedagogia concreta para se viver aqui e agora de maneira diferente” (Rotelli, 1996). O que objetivamos analisar, nos trabalhos realizados pelo Espaço Cultural da Grotta, são as condições políticas, pedagógicas, afetivas que sustentam os componentes de subjetivação, com valores e sentidos distintos dos que vem sendo propostos a uma juventude periférica.

Acreditamos, também, dada a natureza da Pesquisa-intervenção, na aposta acerca do fortalecimento de formas de cooperação entre a Academia e os trabalhos desenvolvidos por instituições sociais voltadas à juventude de forma a promover coletivamente a criação de maneiras alternativas de tratar as questões suscitadas durante um trabalho de pesquisa que tem como foco crianças e jovens. Sabemos que a composição de espaços e de projetos que abrigam e, até mesmo, incitam a criação de novas formas de sociabilidade de uma juventude periférica, desafia os modos de vida vigentes, por isso demandam um campo de experimentação e análise que deve ser avaliado à luz do confronto com suas realidades locais e nacionais.

Do ponto de vista de alguns procedimentos metodológicos com relação às crianças e jovens aprendizes, fazemos uso dos dispositivos¹ tais como Oficinas de expressão artística.

Com relação às Oficinas de Expressão, elas aludem ao uso de artifícios corporais, plásticos e verbais das mais diferentes ordens – literatura, música, teatro, elaboração de estórias, desenhos, sucatas - de modo a suscitar a expressão dos valores, crenças e atitudes que crianças e jovens portam com relação as suas formas de compreensão do mundo. Nesta direção, expressar é criar e dar passagem a novas configurações e estados de ser, sentir, pensar e viver que ultrapassem o caráter adverso

¹ A noção de dispositivo refere-se a “uma montagem ou artifício produtor de inovações que gera acontecimentos, atualiza virtualidades do, assim, “elementos e forças (multiplicidades, singularidades, intensidades) heterogêneas”, conjuga os que ignoram os limites formalmente constituídos das entidades molares”, produzindo outras realidades, alternativas e mesmo revolucionárias que transformam o horizonte do considerado Real. (Baremblytt, 1996)

próprio a existência. É, igualmente, uma maneira de partilhar coletivamente tais impasses e, a partir dos encontros, gerarem estratégias, pensamentos e saídas mais criativas frente aos modos de vida vigentes.

As oficinas de expressão são desenvolvidas de duas maneiras pela equipe de pesquisa. Incluindo a equipe nas oficinas já ministradas no Espaço Cultural da Grotta: Teatro, percussão e Jogos Educativos. A outra direção é produzirmos, enquanto equipe de pesquisa, uma Oficina de leitura infanto-juvenil de modo a propor que seja incluída como mais uma das atividades a compor junto às outras oficinas. Essa demanda já vem sendo trabalhada na ONG em função da construção recente de uma biblioteca com livros infanto-juvenis. Entendemos que a construção dessa oficina se converte em uma forma de responder a uma das metas de nosso projeto, a saber, a de criar um convívio com as crianças e jovens de modo a avaliar sobre como a inserção nas atividades reverberam em suas vidas e que plano de sustentação criam para responder as suas urgências.

Por fim, além de estabelecer um convívio diário com o dia-a-dia institucional fazemos usos de outros recursos tais reuniões de avaliação da gestão acerca das diversas frentes/atividades que são desenvolvidas no Espaço Cultural da Grotta.

Vale ressaltar, ainda, que todo o material recolhido a partir das oficinas, dos encontros operados nas reuniões coletivas, sejam aqueles que acontecem no Espaço Cultural da Grotta, assim como as que efetuamos semanalmente junto ao nosso grupo de pesquisa servem para engendrarmos uma análise coletiva dos resultados. Para tanto utilizamos o dispositivo da Restituição. Sobre a restituição trata-se de engendrar constantemente momentos de socialização sobre as questões suscitadas no ato de pesquisar. Ao restituirmos o campo, somos, igualmente, enquanto pesquisadores, restituídos acerca do que fazemos. E, nessa via de mão dupla, novos afazeres e formas de constituir o trabalho são reinventados coletivamente. Mas, trata-se, neste caso, de uma reinvenção pautada na criação de referenciais próprios, locais, provisórios e que se esboça a partir do território onde cada prática emerge e de como ela se desenvolve cumprindo, dessa forma, a produção de uma autonomia possível.

Referências Bibliográficas

Baremblytt, G. 1996. Compêndio de Análise Institucional e outras correntes: teoria e prática. Rio de Janeiro. Editora Rosa dos Ventos.

Guattari, F. & Rolnik, S.,1986. Micropolítica cartografia do desejo. Petropolis/RJ. Editora Vozes.

Guattari, F., 1992. Caosmose: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Editora 34.

Lima, S.M, 2002 Modos de Subjetivação na Condição de aprendiz uma análise de perspectivas educativas no âmbito do trabalho, da arte e da saúde. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz/ENSP.

Pelbart. P.P., 2000. A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Editora Iluminuras.

Rocha, M.L. & Aguiar, K.F., 2003 Pesquisa-Intervenção e a produção de novas análises. Revista Psicologia Ciência e Profissão n.4, pp. 64-73 ano 23

Rotelli F., 1992. Onde está o senhor? In: SaúdeLoucura 3 (A.Lancetti., org.), pp 67-76, São Paulo: Hucited

Rolnik, S. 1989 Cartografia sentimental – transformações contemporâneas do desejo - São Paulo: Estação Liberdade.

